

-Saúde em coma

Que a saúde em Brasília vai mal, todos sabem. Mas um diagnóstico mais aprofundado da situação revela um quadro dramático. Para conseguir uma consulta nos hospitais das cidades-satélites, as pessoas precisam pernoitar na fila. Mesmo assim, pelo menos 20 mil pacientes - literalmente - aguardam vez para contar a um médico os seus incômodos.

Quem necessita de cirurgia vive uma condição proporcionalmente mais grave. São 2.000 doentes que em diversos graus correm risco de vida caso não sejam urgentemente atendidos. Aí, entre muitos problemas que o sistema de saúde apresenta, o mais acentuado não é a falta de cirur-

giões ou de centros cirúrgicos onde o drama de tantas pessoas possa ser atenuado. Faltam sobretudo anestesistas.

A secretária de Saúde do Distrito Federal sintetiza as dificuldades isolando-as em três grandes blocos: demanda excessiva de consultas, financiamento precário e falta de recursos humanos. Evidentemente, tantos e tão graves problemas não surgiram agora. Acumulam-se há décadas. E num ambiente de recursos cada vez mais escassos, a expansão da demanda torna-se um desafio quase insuperável para a administração.

Tanto quanto o explosivo crescimento populacional, o Distrito Federal sofre a pressão exercida pelos municípios do Entorno. As prefeituras

vizinhas parecem optar pelo cômodo investimento em ambulâncias que transportem seus doentes para Brasília que em postos de saúde ou hospitais.

A superlotação dos consultórios e a falta de recursos evidentemente não representam uma peculiaridade do Distrito Federal. Têm se revelado um problema nacional, agravado por uma seguridade incapaz de amparar toda a população. Mas também pelo desprezo a alternativas que, mesmo não sendo suficientes para eliminar o problema, poderiam minimizá-lo. Como um efetivo esforço na medicina preventiva, que exige menores recursos e pode utilizar em muitas etapas profissionais com qualificação menos sofisticada.